

CORPO, TÉCNICA, CONSUMO: SOBRE OS ESQUEMAS DA INDÚSTRIA CULTURAL NA REVISTA BOA FORMA

Beatriz Staimbach Albino

Mestranda do PPGEF/UFSC – Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – UFSC/CNPq

RESUMO

Esta pesquisa investiga a constituição de um certo dever ser feminino em prescrições da revista Boa Forma. Foram analisados principalmente os editoriais, seções e reportagens sobre os cuidados com o corpo, tomando como fonte principal as edições de verão e as que para ele preparam (set/fev, 2001-2006). Os resultados apontam para um aparato de controle que é centrado no uso de discursos ambíguos; no esquadramento do corpo; na valorização da disciplina e do sacrifício; e no uso de métodos de legitimação pautados por mecanismos da indústria cultural.

ABSTRACT

The paper aims to research a kind of female “must be” by prescriptions of magazine “Boa Forma”. It was analyzed especially editorials, especial sections and reportages about body cares. The main sources were the summer editions and those that prepare to that season (September-February, 2001-2006). The results point out a control apparatus materialized in ambiguous discourses; in the squaring of body; in the valorizing of discipline and sacrifice; in methods of legitimating in the schemas of culture industry.

RESUMEN

Se investiga la constitución de un deber ser femenino en prescripciones de la revista Boa Forma. Se analizó sobretodo los editoriales, secciones y reportajes sobre los cuidados con el cuerpo. Las fuentes principales fueran las ediciones de verano y las que para ello preparan (septiembre/febrero, 2001-2006). Los resultados sugieren la presencia de un aparato de control que está centrado en discursos ambiguos; en el escudriñamiento del cuerpo; en la valoración de la disciplina y del sacrificio; en lo uso de métodos de legitimación pautados por mecanismos de la industria cultural.

INTRODUÇÃO

Nos mais diversos lugares os corpos estão à mostra provocando desejos e anseios de se alcançar promessas de liberdade, felicidade e sucesso que se encontram *encarnadas* nas aparências tidas como belas e saudáveis. Para sanar essa demanda, ao mesmo tempo em que a fomenta, cada vez em maior número encontra-se no mercado revistas ilustradas para o público feminino, verdadeiras cartilhas e evangelizadoras dessa religiosidade oscilante que é o *fitness*.

Dentre tantas, destaca-se *Boa Forma*, em circulação de modo ininterrupto há cerca de vinte anos, demarcando-se como um dos veículos contemporâneos privilegiados dos processos de *politização dos corpos*, fonte e vetor de disseminação dos esquemas da *indústria cultural* por via de investimentos sobre os corpos individual e coletivo.

A *Boa Forma* tem como conteúdo central técnicas (dietas e séries de exercícios), fármacos para a pele e o cabelo com fins de embelezamento do corpo e cuidados com a saúde, e reportagens com temas de auto-ajuda. Ela organiza-se em seções específicas que se dividem em: 1. *Fitness*; 2. Beleza; 3. Dieta e nutrição; 4. Bem-estar; e 5. Especial. Além dessas seções, a *Boa Forma* sempre apresenta uma reportagem com a “Garota da Capa” e outras mini-seções que veiculam conteúdos similares aos das seções fixas. Os conteúdos específicos de cada seção misturam-se, por vezes, com os de outras.

Tendo em conta essa cartilha evangelizadora e sua importância, o presente trabalho teve como objetivo analisar como se configura um certo *dever ser* feminino veiculado pela revista, algo que se configura no quadro geral da pergunta sobre aspectos da *pedagogia do corpo* na sociedade contemporânea. A investigação trabalha com inspiração no conceito de *indústria cultural* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985), buscando uma aproximação com contribuições de Foucault (1987, 2000). Desenha-se por parte desses autores um diagnóstico do contemporâneo, da racionalidade e dos processos de subjetivação que se dão por meio do controle, da submissão e, paradoxalmente, do aumento da potência do corpo.

Ocupamo-nos aqui de modo privilegiado da capa, dos editoriais, de seções e reportagens específicas que têm como tema o corpo e os cuidados com a saúde, especialmente no que se refere às técnicas (dietas e séries de exercícios) e produtos para a pele e o cabelo. Foi delimitado um período que compreende as quatro últimas e as duas primeiras edições de cada ano a partir de setembro de 2001, completando-se em fevereiro de 2006. A escolha pelos meses que compõem o verão e um período que o antecede se refere à intensificação dos cuidados com o corpo nessa época, quando sua visibilidade ganha contornos performáticos, determinando, no sentido de ter ou não ter o corpo ideal, os pertencimentos e restrições da exposição de si.

Nas páginas que se seguem serão apresentados e discutidos alguns dispositivos utilizados pela *Boa Forma* no controle dos corpos, juntamente com o delineamento e a reflexão sobre suas implicações.

1 TÉCNICAS DE EMBELEZAMENTO

A técnica pode ser entendida como uma medida para alcançar determinado fim. Ela é expressão de aperfeiçoamento das mais diferentes ações humanas, o que inclui o trato com o próprio corpo; o que autoriza Marcel Mauss (1974) a falar em *técnicas corporais*: a “educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego.” (MAUSS, 1974, p. 232).

A técnica se inscreve também no registro da razão instrumental. Nesse quadro, Adorno identificou e destacou uma certa perversão (*pelo verso*) no lugar social que a técnica ocupa no contemporâneo:

os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens. Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à autoconservação da espécie humana – são fetichizados, porque os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos e desconectados da consciência das pessoas. (ADORNO, 2003, p. 132-3).

Numa tradição que separa o somático do espírito, a técnica, que se torna um fim, e o corpo, instrumento técnico por excelência, é reificado. A primeira pode então, tornar-se um meio de organização do sofrimento do segundo, desprovido de suas qualidades ao ser reduzido à condição de objeto manipulável.

Dentre as tantas técnicas corporais presentes entre nós, destacam-se as que se destinam ao alcance da beleza. A *Boa Forma* apresenta aqueles conjuntos técnicos que parecem ser os principais métodos de disciplinar as formas corporais: exercícios, dietas, cosméticos e tratamentos estéticos.

Cada um desses conjuntos terá suas técnicas próprias, que ao longo das páginas da revista vão sendo estrategicamente delineadas por meio da determinação de espaços, periodicidades, intensidades, modos de aplicação, momentos de uso e instrumentos adequados. Tudo é minuciosamente definido, acompanhado de instruções, imagens, aparelhos e meios para que a leitora possa conhecer como deve ser e assim vigiar suas próprias condutas e resultados. Na disciplina dos corpos essencial é o controle do *processo*.

1.1 O esquadramento de um corpo

Há todo um sistema de investimentos no corpóreo que se mostra como necessário quando a revista informa à leitora, entre outros procedimentos, quais os músculos que serão desenvolvidos por cada um dos exercícios que ela veicula. Tais informações são acompanhadas pelo imperativo de que é preciso “esculpir cada centímetro” (S3, p.50)¹.

O corpo é dividido, recortado, esquadrihado para que nele possa ser realizado um trabalho minucioso e eficiente. A recomendação do uso cosmético também se dá a partir de uma exacerbada racionalização do corpo, pois além de investir em cada uma de suas partes, prescreve-se a especialização dos cuidados: relaxar, limpar, hidratar, de modo diferenciado, com produtos que sejam próprios para cada parte.

A minúcia dos cuidados retrata uma responsabilização da mulher para com o seu corpo, algo que já se fazia presente nas primeiras décadas do século XX, tal como apresentam, entre outros, Schpun (1997), Albino e Vaz (2006) e Goellner (2001). A necessidade de realizar um investimento minucioso em si mesma cresce, no entanto, na medida em que o corpo deve ser exibido. Há uma moralidade na beleza que se possui ou não. Sua exigência já era notável na década de 1940, quando se prescrevia que a mulher aprendesse a exercer uma autocrítica sobre a sua aparência (ALBINO; VAZ, 2006).

A *imoralidade* atrelada à de apresentação de um corpo que não esteja em forma é potencializada contemporaneamente. O corpo em toda sua superfície deve ser mostrado, exibido, para que possa na mesma medida ser apreciado, desejado, invejado, ou apenas e tão somente *notado*, contanto que esteja adequado para isso, tal como deixa saber a seguinte pergunta da *Boa Forma*: “Quer deixar o bumbum lisinho e aposentar de vez a canga, a saia ou o short de praia neste verão?” (D2, p. 89).

Identifica-se aqui um processo de *controle-estimulação* (FOUCAULT, 2000), domínio que se realiza de um modo diferente da repressão mais direta e outrora exercida sobre o corpo. Essa se transfigura em uma dominação por meio do estímulo de mostrar e fazer-se desejar, o que incita a tornar possível, ao menos ilusoriamente, qualquer que seja a configuração corporal desejada – ou, por outra, exigida pelas demandas de consumo.

Em meio a todos esses cuidados impingidos ao corpo feminino, é preciso destacar que “barriga”, “bumbum” e “pernas” são as partes que encontram na *Boa Forma* uma singular importância.² A valorização dessas peças anatômicas se deve ao interesse em reforçar a feminilidade referenciada no masculino. Algo que é bem demarcado pela revista por meio de assertivas do tipo “O que é sexy na praia? Eles contam tudo.” (F3, p. 62).

¹ A referência às revistas é feita pela primeira letra do mês e pelo último número do ano que lhes seja correspondente. No caso, S3 representa a edição de Setembro de 2003. Algumas vezes essa sigla será seguida da página. Quando não há referência da página as informações apresentadas encontram-se na capa da revista.

² Sabino (2000) já destacara a existência de uma divisão do trabalho muscular, por gênero, na segmentação do investimentos sobre o corpo em academias de ginástica e musculação.

O fato da opinião do sexo oposto nortear o investimento das mulheres em seus corpos é algo que já foi apontado por Sabino (2000) no seu estudo em academias de ginástica e musculação no subúrbio carioca: “a busca feminina das formas é a busca feminina da aprovação masculina, já que a representação do que é belo para o corpo das mulheres se radica em classificações que priorizam o ponto de vista masculino e sua preferência.” (p. 100).

O mesmo autor, fazendo uma referência ao sistema de vigilância do *panóptico*³, afirma que o espaço da academia produz um esquema de autocontrole das aparências por meio do olhar, ao se configurar como um local onde cada um observa todos e onde todos observam cada um. Todavia, se tudo indica que o olhar tem destacada função de vigilância do corpóreo, não ser alvo de olhares também é um mecanismo de controle. Isso porque o que se almeja é chamar a atenção, ser visto, principalmente em um país como o Brasil que, como bem apontou Malysse (2002, p. 133), tem o *visível* como “modo privilegiado de se relacionar consigo mesmo e, sobretudo, com o outro.”

1.2 Diferentes possibilidades de um *sempre-mesmo*

Dentre os métodos contemporâneos privilegiados de interiorização da vigilância está a disponibilidade de *escolhas*. Esse é um recurso largamente utilizado pela *Boa Forma* e se exprime, entre outros momentos, nas prescrições de dietas e exercícios.

No que se refere às dietas, o controle se dá por meio da apresentação à leitora do número de calorias e em alguns casos da quantidade de nutrientes que cada alimento e bebida contém. Considerando esses valores que os classificam e hierarquizam, são formuladas pela revista diversas tabelas e *rankings* nas quais aqueles que apresentam um menor número calórico e/ou percentual de gordura ocupam as primeiras posições. Sugere-se ainda que as informações impressas na embalagem dos alimentos sejam minuciosamente checadas, pois assim a mulher “tende a consumir menos calorias e mais nutrientes do bem.” (O5, p.114)⁴.

Todas essas informações são tidas como uma estratégia para que a mulher tenha opções e que possa sempre fazer a “escolha certa” (D4, p.79). As possibilidades se restringem ao que a revista indica, sendo imprescindível calcular, equilibrar, substituir e manter-se sempre atenta a certas “ciladas” (F6, p. 68-71) que a culinária pode oferecer, seja em casa ou no restaurante.

A leitora também encontrará diferentes opções para a prática de atividade física que atenderiam aquelas que dispõe de muito ou pouco tempo, sendo possível exercitar-se até enquanto se está em um engarrafamento de trânsito ou “enquanto assiste à TV, numa pausa

³ Essa é uma expressão utilizada por Bentham no final do século XVIII para denominar uma tecnologia de poder própria para resolver os problemas de vigilância que emergiam já em momento anterior. Esta consistia basicamente em uma organização da arquitetura de modo a permitir ver tudo permanentemente sem ser visto. Esse modelo de vigilância que se fez presente em hospitais, prisões, escolas, entre outros, foi citado por Foucault (1987) como um dos importantes mecanismos disciplinares que pode ser tomado como modelo para as disposições contemporâneas. O mesmo autor destaca que esse sistema é empregado de tal modo que aquele que é supostamente observado deve interiorizar essa vigilância.

⁴ Essa preocupação exacerbada com a alimentação pode ser pensada nos termos que propõe Sant’Anna (2003), ao destacar que, com a propagação da linguagem científica, hoje “o espetáculo da comida é igualmente aquele dos elementos químicos” (p. 43). Indica-se a pensar nos alimentos a partir das proteínas, carboidratos, gorduras, minerais e vitaminas que esses podem fornecer ao corpo. Para Sant’Anna isso está diretamente associado a um declínio dos costumes sociais e individuais relacionados à alimentação e à ascendência da transformação do corpo (identidade) em algo que pode ser criado e recriado a partir do que se ingere. “Por meio da comida pode-se, por exemplo, mudar a aparência corporal, transformar o estado emocional e reinventar cotidianamente a própria subjetividade.” (2003, p.42).

do escritório” (D4, p. 96). “O cardápio da malhação é democrático” (N5, p. 5) diz a editora⁵.

Ao delinear sempre um modo de remediar a falta de tempo, dinheiro ou gosto da leitora, a *Boa Forma* reforça a necessidade de ser feita *alguma* escolha, o que se configura como uma estratégia de interiorização da vigilância por meio da culpa por não cuidar de modo constante da aparência, já que tudo no corpo seria passível de transformação e progresso.

De modo ambíguo, a revista afirma que a mulher não deve se sentir culpada se “sabotar a dieta comendo chocolate fora de hora”, ficar sem “malhar” (F2, p. 85), entre outros *deslizes*. Esse discurso é recorrente na revista que, como um receituário de auto-ajuda, trata de enfatizar que se deve evitar esse tipo de sentimento causado, principalmente, pela cobrança excessiva que seria feita pela própria mulher. A ilusão, porém, de que certos “deveres” foram suavizados se transforma em seu contrário, já que tal apelo se encarrega de informar à mulher as situações que deveriam lhe provocar essa culpa⁶.

Nova ambigüidade manifesta-se nos elogios a um ideal de corpo junto às assertivas de que a mulher deve aceitar-se, sem deixar-se levar pela aparência das atrizes e modelos. Assim, se é comum a revista citar que um corpo “sexy” é aquele de “cintura fina, barriguinha desenhada, bumbum redondo, peito empinado e pernas de arrasar” (F2, p. 46) e reforçar que “corpos sarados, a gente gosta. Barriga chapada, também. (...) Tudo isso você merece e *deve* conquistar” (D3, p. 9 – grifos nossos), simultaneamente também ela clama pela auto-aceitação, pois “na ânsia de se enquadrar num modelo de beleza, muitas de nós passamos a vida insatisfeitas ou, então, corremos atrás de fórmulas mágicas (e, muitas vezes, perigosas e ineficientes) que demandam altas doses de sacrifício para atingir uma perfeição que foge da nossa realidade.” (D4, p.115).

Nesse sentido é que a *Boa Forma* faz referência a diferentes “tipos” de beleza. Esses são tomados como variações ao padrão hegemônico propagado por meio das modelos que ilustram a revista. A mulher pode ser “esportista”, “supersensível”, “sereia” (D3, p. 62-3), até mesmo criar seu próprio modo de ser. Tal classificação em níveis só mostra que tudo deve ser estandardizado uma vez que cada uma dessas belezas diferenciadas irá receber recomendações específicas de embelezamento.

Como ensinam Horkheimer e Adorno (1985, p.116),

Para todos algo está previsto; para que nada escape, as distinções são acentuadas e difundidas. [...] Reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa [...] O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa. [...] As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha.

A possibilidade de ter estilos próprios se esfacela como algo que realmente poderia se concretizar no momento em que esses estilos se restringem ao que já é esperado.

⁵ Para aquelas que ainda não optaram por nenhum tipo de ginástica, são oferecidos testes para que se descubra qual o tipo que lhe seria mais agradável, deixando esse de ser um empecilho para a prática de atividade física. Um exemplo desse tipo de teste pode ser encontrado em F4, p.54-9.

⁶ A emergência da culpa como medida de controle das condutas data pelo menos do início da década de 1940. Nesse período a coerção é substituída pela culpa em não utilizar os produtos oferecidos, o que implicava em não compartilhar dos costumes do próprio tempo, em não ser *moderna*. (ALBINO; VAZ, 2006).

Complementa as assertivas que prega a existência de diferente “tipos” de beleza, o imperativo de que a mulher reforce “os [seus] pontos fortes” (F2, p. 6), pois “nosso projeto vai ajudá-la a encontrar a *sua* melhor (boa) forma.” (N5, p. 12 – grifos nossos). O discurso lembra aquele que era freqüente nos anos 1920, quando a beleza era considerada um “dom”, tal como descrito por Sant’Anna (1995). Esta noção de beleza vem há muito cedendo espaço para a necessidade de *construir uma aparência bela*. Mesmo assim, parece haver na *Boa Forma* uma combinação entre *dom* (o que é “possível”) e o que *merece* ser alcançado, mediante esforço e investimento pessoais. Em meio aos paradoxos que compõem o discurso, o que prevalece é a máxima de que todas podem ser bonitas, desde que invistam em si mesmas, que utilizem produtos de beleza, que cuidem da saúde, que *mereçam* ser belas.

Por outro lado, as promessas de emagrecimento e fortificação do corpo são sempre referidas a partir de medidas exatas e/ou referentes a um tempo certo para sua concretização: “2 dias para desinchar, desintoxicar e perder 1 kg” (N5), garante a *Boa Forma*. Tal recurso, que tem como chancela um discurso cientificista, manifesta o espírito racionalista do tempo presente que necessita dos números para calcular os custos e os benefícios de determinado investimento.

1.3 Uma guerra *contra* o corpo

Exercer um autocontrole das vontades, mudar, modelar, disciplinar o corpo. O intuito da pedagogia que a *Boa Forma* veicula é ensinar a mulher a fazê-lo, sobretudo por meio da dureza, da disciplina e do sacrifício.

Tais procedimentos são necessários porque o corpo é tomado como algo que “se rebela” (N2, p.12) e que precisa ser dominado, como reza uma tradição ocidental de considerar a natureza como ameaçadora, o corpo e suas pulsões como instâncias que precisam ser dominadas, solapadas. Adquirir as formas almejadas só é possível se a mulher aprender “a manter o seu corpo sob controle. [pois] Ele tem que saber que quem manda é você e que não pode engordar e emagrecer a seu bel-prazer!” (N2, p. 12).

Assim, na ação *contra* o corpo entende-se que esse seja um “outro” em relação à mulher, um objeto a ser dominado, com o qual é preciso travar uma verdadeira guerra. Essa concepção se delineia na linguagem bélica utilizada para se referir às ações a serem empregadas sobre ele: “arsenal antifome”, “torrar as gordurinhas”, “detonar” os quilos extras. É preciso “contra-atacar” a gordura e a flacidez a partir dos “planos” e “programas”. Nesse processo todo tipo de marca que denote relaxamento, frouxidão, deve ser extinta, já que se apresenta como o oposto dos signos de um corpo forte, potente e controlado.

Nessa luta para domar as formas são eleitos “vilões” e “heróis”. Uma função normalmente cumprida pelos alimentos que sofrem uma *antropomorfização* e passam a ser classificados em bons e maus, amigos e inimigos, solidários e sabotadores. Certa reportagem dedica três páginas para descrever todos os benefícios da “maçã-maravilha” (O2, p.92-4). Outra matéria faz diversas investidas contra o pão branco (F6, p.67-71). As próprias calorias podem ainda ser consideradas boas e más, dependendo dos nutrientes que as acompanham (S3, p.54-7).

Na batalha contra as vontades, sobretudo aquela tida como “incontrolável” (N5, p. 36), que é a de comer, e as emoções do corpo, é imprescindível ter disciplina e se submeter a sacrifícios em nome da beleza. Disciplina e sofrimento se apresentam interligados, sendo que a ênfase recai na conquista da primeira enquanto a realização de sacrifícios é vista apenas como uma medida necessária para o alcance das metas e objetivos que são apresentados como se fossem próprios da leitora. Tais objetivos visam sempre a obtenção de um corpo magro, musculoso, adestrado, sendo que alcançá-lo significa uma vitória. O

sacrifício exigido justifica-se nos escritos da *Boa Forma* em benefício de uma satisfação futura, já que essa o entende somente como um meio para o alcance do prazer prometido. Como afirma a editora da revista, “nada vem de graça, o processo de mudar tem seu preço” (F3, p. 8).

Paradoxalmente, é repetida, e de modo muito enfático, a idéia de que o emagrecimento e as técnicas para adquirir músculos “não precisa[m] ser um sofrimento.” (N5, p.65). Esse, porém parece ser um incentivo, ao mesmo tempo em que se configura como um discurso falacioso, pois se realmente acontecesse dessa maneira talvez não fosse necessário nem sequer mencioná-lo.

O sofrimento assim é algo que deve ser tido como “natural”, necessário, de modo que se torne suportável e repetível. Tal *naturalização* faz-se presente com frequência em reportagens sobre tratamentos estéticos, em que há uma classificação da dor por meio de um “ranking” (O2, p.76): 1. coceira ou ardor; 2. leve incômodo; e 3. dolorido. No processo de potencialização do corpo, o sacrifício é a condição exigida para que se possa conhecê-lo e dominá-lo.

Tornar-se humano significa subjugar a natureza à razão, controlar suas emoções e renunciar aos prazeres da gratificação imediata das pulsões. Para isso é preciso tomar o corpo como um objeto, rebaixa-lo à condição de um *outro* que se domina, formulando todo um conhecimento a seu respeito por meio do trato racionalizado com ele. Nesse processo civilizador, o sacrifício se faz presente por meio da renúncia e do controle de si, da condição de natureza que dele faz parte (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Diante das múltiplas possibilidades oferecidas às mulheres, a “oportunidade” se metamorfoseia no dever de promover cada vez mais um investimento concreto por via dos exercícios e não simplesmente por meio de aparelhos como o espartilho ou outras medidas dissimuladoras, como outrora (SANT’ANNA, 1995). É preciso exercer um *domínio de si incorporado*, do corpo que insiste em ser desobediente e que por isso precisa ser dominado.

1.4 Métodos de legitimação

O desejo de potencializar ao máximo o corpo tem suas raízes na vontade de saber (esclarecimento) e na crença do progresso infinito que o processo de racionalização tratou de introverter nos espíritos individuais. Por meio da ciência, a razão encontra o poder de legitimar as ações humanas, em especial as exercidas sobre o corpo. Será pela via científica que as técnicas de embelezamento apresentadas pela revista serão validadas como *verdadeiras* e *eficientes*. O poderio desse recurso se comprova no fato da ciência em alguma medida ser citada em praticamente todas as técnicas veiculadas pela revista.

No que se refere aos especialistas, esses são considerados *gurus* frente aos quais não é permitido ter desconfianças. Eles contam “o que é – e vai continuar sendo – sucesso” (F4, p.60), dizendo assim não só sobre o presente, mas também fazendo previsões. Para que não reste dúvidas sobre o seu *poder*, a revista ainda lhes confere inúmeros adjetivos: “entende como poucos de dieta”, “mago das tesouras”, “guru das formas perfeitas”, “mestre dos pincéis”, “expert em fitness” (F4, p. 60-1). Eles ainda desfrutam de prestígio não somente pela sua relação com a ciência, mas também pelos seus *produtos*: as atrizes e modelos a quem prestam seus serviços. Dessa maneira, é comum a revista qualificar certos profissionais como “os melhores (...) do mercado” por terem esculpido “cada centímetro de músculo de suas alunas famosas” (N2, p. 100), sendo esse um fator de credibilidade⁷.

⁷ O esclarecimento, que no processo de civilização foi entendido como transcendente ao mito, mas, no momento em que é tomado como inquestionável adquire o caráter de crença, recai na mitologia (HORKHEIMER; ADORNO, 1985). As prescrições realizadas pela revista podem ser entendidas como uma espécie de união entre a crença e o esclarecimento.

Além dos especialistas, as modelos e atrizes também são consideradas referências de verdades e certezas na *Boa Forma*. Como os *fisiculturistas* nas academias, as modelos e atrizes possuem um *capital corporal*, um prestígio por ter um corpo que é considerado ícone de beleza, e por isso é que são tomadas como detentoras de segredos e fórmulas que prometem revelar na seção “Garota da capa”. Tais promessas sugerem à leitora que é possível ter um corpo semelhante ao das modelos, ou que a beleza que as “estrelas” possuem é fruto do investimento (possíveis para todas) que fazem em seus corpos.

Em determinados momentos as outras mulheres, aqui denominadas como “comuns”, normalmente leitoras e repórteres da própria revista, também são consideradas referências a serem seguidas. Isso acontece quando conseguem alcançar metas, tornando-se exemplos de persistência e superação, ao propagarem a máxima de que “você também [pode] chegar lá!” (J4, p. 84). Uma possibilidade que parece ser real porque se supõe que elas sejam como as demais consumidoras da revista.

Além dessa medida de aproximação com a leitora e de legitimação dos seus conteúdos, a revista utiliza ainda outras variadas estratégias. Dentre elas está a afirmação de que a *Boa Forma* compreende as angústias, frustrações e medos da mulher, prometendo assim ajudar a superá-las (F3, p. 8, entre outras) por meio das técnicas que ela ali veicula. Destaque-se ainda a larga utilização de *depoimentos*, que cumprem a função de testemunho ao demonstrar por meio da fala das leitoras que é real a possibilidade de emagrecer e/ou ficar sarada. As imagens de “antes e depois”, em que a expressão facial joga um importante papel, também é um recurso central, uma vez que procuram legitimar empiricamente os resultados.

Compondo o rol das estratégias de legitimação está a ênfase na *novidade*, ou, mais precisamente, nas promessas que essas carregam. Associada à ciência, cada nova técnica ou produto tem como pretensa função solucionar os problemas estéticos da leitora. Facilmente percebe-se, no entanto, que a novidade é somente o que já foi apresentado, e maquiado – união de duas ou mais técnicas de ginástica, uma mínima modificação de determinada dieta – para que pareça uma nova mercadoria. A idéia de progresso presente no insistentemente novo não passa assim, de mera propaganda, pois permanece somente como uma promessa que camufla a repetição de um *sempre-mesmo* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

O engodo de que a novidade seria a solução para todos os males de que padece o corpo, como bem a *Boa Forma* propõe, demonstra sua fragilidade no próprio discurso que, na propaganda de uma nova técnica, afirma que essa “funciona *mesmo*” (F4 – grifos nossos), ou ainda que a nova “dieta de emergência” é para “quanto todas as outras *falharam*” (D1 – grifos nossos). Um tipo de ênfase que seria desnecessária se realmente as promessas se concretizassem.

UMA NOTA FINAL

A ênfase no esclarecimento, a realização de promessas que não se cumprem, e o apelo à novidade, são mecanismos da *indústria cultural* que norteiam o controle e domínio dos corpos no tempo presente. A velha disciplina cada vez mais cede espaço para esse novo modo de dominação do indivíduo que se realiza pela difusão de pretensas possibilidades, ainda que o poder disciplinar não deixe de existir e complementar esse mecanismo de controle das condutas. Tal modelo de dominação em muito se aproxima daquele apontado por Foucault como *biopolítica*.

Dentre as medidas de controle do feminino destaca-se a presença das ambigüidades no discurso de embelezamento, o que parece ser uma medida necessária frente à existência concomitante de ideais ascéticos e hedonistas em nossa sociedade; o controle minucioso do *processo* de produção da beleza – elemento essencial no fomento à interiorização da

vigilância; e a centralidade da opinião masculina no *domínio de si* impingido ao feminino. A vontade de desfrutar da valorização social de ser bela fomenta uma responsabilização diante de seu corpo e incita e legitima a idéia que a própria mulher reconheça e mesmo exerça, por meio do sacrifício, a racionalização e o esquadrinhamento de seu corpo, de si.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 119-138.
- ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Corpo, maternidade e comportamento... a Página Feminina e a educação da mulher na década de 1940. In: X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança. Curitiba. *Anais*, 2006. p. 1-7.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000. 295 p.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- GOELLNER, S. V. A Educação Física e a construção do corpo feminino no Brasil: imagens de feminilidade. *Motrivivência*. Florianópolis; v. 12, n. 16, p. 35-52, mar. 2001.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. 254 p.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: Goldenberg, M. (Org.) *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79- 137.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: USP, 1974. p.211-233.
- SABINO, C. Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. In. GOLDENBERG, M. (Org.) *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 61- 103.
- SANT'ANNA, D. B. Bom para os olhos, bom para o estômago: o espetáculo contemporâneo da alimentação. *Pró-posições*. Campinas, v. 14, n.2(41), maio/ago., 2003.
- SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino. In: _____(Org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.121-139
- SCHPUN, M. R. Códigos sexuais e vida urbana: as práticas esportivas da oligarquia paulista nos anos vinte. In: _____(Org.) *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. 45-71.

MEN/CED/UFSC – Campus Universitário
Cx. P. 476
Florianópolis – SC
88040-900

bia_ufsc@yahoo.com.br